

Indústria nascente em Campinas

FARJALLAT, Célia Siqueira. Indústria nascente em Campinas. Correio Popular, Campinas, 17 mar. 1999.

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT



A pesquisadora Ema E.R. Camillo lançou um livro que os estudiosos da história de Campinas vão adorar. Trata-se do Guia Histórico da Indústria Nascente em Campinas (1850-1887), obra explicada por ela mesma como “fruto da mistura de paixão, curiosidade e teimosia, ingredientes só há bem pouco tempo admitidos na academia como constantes do fazer ciência”. Incansavelmente, ela levou 20 anos nesta busca paciente e minuciosa, confessando dever muito ao apoio de mestres como Amaral Lapa, Olga Rodrigues de Moraes Von Simson e Fernando Abrahão, entre outros, e ainda à Fapesp (Fundação de Amparo ao Ensino e à Pesquisa do Estado de São Paulo) e Faep (Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa.)

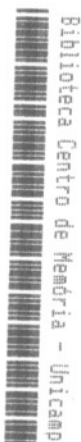
Apaixonada pelo tema, Ema Camillo fez o levantamento de 34 fábricas, mas, antes disso, analisou aspectos da agricultura local, principalmente, da produção cafeeira, o que levou nossa

cidade a ser a principal produtora do Oeste Paulista da então província de São Paulo. O viajante português Zaluar, em 1860, destacou o status de nosso município, que era o mais rico da província de São Paulo, na década de 1870.

A tarefa de resgatar a vida de 34 fábricas, entre 1852 e 1887, deve ter sido exaustiva para a ilustrada pesquisadora. Mas, valeu. Em simples registro de jornal não se pode, evidentemente, acompanhar todo este trabalho curiosíssimo. Por exemplo, quem de nós sabia que existiram aqui uma fábrica de velas de cera, fundada em 1852, uma fábrica de móveis, de descaroçar algodão, de trollys, carros, seges e carruagens, localizada na rua das Campinas Velhas, 32 e 49 (1873), e Rua São Carlos, nos anos seguintes, até 1900. Pertencia à família Krug. Pois a nossa pesquisadora conseguiu até reproduzir os dizeres da antiga propaganda da fábrica, valendo-se de Leopoldo Amaral em “A cidade de Campinas, 1901”.

A cidade possuiu uma fábrica de peneiras de arame, de Francisco Florence, no Largo da Matriz Velha, 20, onde eram feitas peneiras para separar café inteiro do descascado no benefício, e para colheita nos terrenos de salmão ou pedras miúdas. E ainda peneiras domésticas, com fios de ferro, que contribuem para a saúde, ao passo que as de fio de cobre, ou latão, geralmente usadas, podem causar muitos envenenamentos.”

Imperial Olaria, Ferraria, Fundição de ferro e bronze e oficina mecânica, de ³Antonio Carlos de Sampaio Peixoto, a Sapataria de João Barrère, cidadão francês, na Rua Direita, 21, a fábrica de chapéus Hempel, de alemães e brasileiros e que em 1880 passou a Carlos Kaysel, oficial chapeleiro alemão. E seus sócios Luiz Schreiner, brasileiro, e Ricardo Petrich, natural de Breslau, Alemanha criaram fama. Nas dependências da mesma, alunas do Colégio Florence de Campinas percorreram as oficinas, viram o funcionamento das máquinas e o modo de fabricar chapéus. Experiência pedagógica notável para



CMUHE012724

a época.

Há referências preciosas aos Bierrenbach, que possuíam Fundição, na rua da Constituição, 29, indústria que foi extinta em 1884. No estudo de Ema Camilo ressalta muito mais do que a simples análise daquela fábrica. Há referências às observações feitas por Rangel Pestana aos srs Bierrenbach e Irmão, "brasileiros de uma verdadeira tempera americana, e talhados para tais empresas..." Sabe-se, pelo jornal A Província de São Paulo, de 9 de janeiro de 1875, que houve uma Festa de Operários, conagração entre patrões, caixeiros e operários, na passagem do ano de 1874, naquelas oficinas. Na hora exata da passagem de ano, um coro de alemães e franceses anunciou o Ano Novo.

Há muito mais ainda, como análise da Oficina de Marcenaria Tullio, a Fábrica de Tecidos Carioba, a Companhia Mac Hardy, a Casa Bloch (Alfaia-taria), que deveria ser requintada (os proprietários eram franceses), a Sapataria L. Hertz e R. Bbarrère, que empregavam o vapor como força motriz e ma-

téria-prima de procedência nacional e européia.

E ainda a Casa Blanchard, do ramo de Caldeiraria, Fundição de Ferro e Bronze, também de franceses, a Alfaia-taria de José Maria Bueno, na Rua General Osório, 108, Largo do Rosário, o Café Americano, fábrica a vapor, de Antônio Quirino Simões, situado numa (deliciosa) Rua das Flores, 17. E last but not least, o Pastificio Selmi, minuciosamente estudado.

Mesmo que você não seja do ramo, que nunca tenha tido uma indústria na vida, mesmo minúscula ou de pouca importância, há de se interessar por este livro precioso, reconhecendo o cuidado na pesquisa, que trouxe de muito longe no túnel do tempo, visões de um passado importante da vida de Campinas.

Acredito que o estudioso da vida de nossa cidade não pode desconhecer esta investigação de Ema Camillo, trabalho marcado pelo rigor científico, mas também por um lirismo e carinho realmente admiráveis.